

QUANDO E PORQUÊ CONTAMOS UMA HISTÓRIA? NARRATIVA E ARGUMENTAÇÃO: O CASO DAS NARRATIVAS CONVERSACIONAIS

ARMINDO J. B. DE MORAIS (CLUNL)
HANNA J. BATORÉO (Universidade Aberta, CLUNL)

ABSTRACT: In the present paper we pretend to search an answer to the initial question presented in our title, asking when and why we tell stories within oral interaction. Based on the analysis of the conversational narratives from the corpus Morais (2011), and rooted in our previous research (Batoréo 2005, Morais 2006, Morais 2011, Morais & Batoréo in press in 2012), we show that in nearly sixty per cent of all Conversational Narratives included in the analyzed corpus stories are used in oral interaction as mere argumentative strategies, being either of (i) illustrative or of (ii) foundational character. While interacting verbally with others, the narrator uses his/her story as a discursive strategy, in order to exercise his/her verbal power and authority on other interveners, involving them emotionally in the interaction process.

KEYWORDS: Conversational Narratives; Argumentation; Discourse Strategies; Evaluation; Oral Interaction.

0. Introdução

O presente artigo surge na sequência da nossa investigação anterior (Batoréo 2005, Morais 2006, Morais 2011, Morais e Batoréo a publicar) que deu origem à atual preocupação em caracterizar os contextos de interação oral nos quais ocorrem histórias contadas pelos intervenientes, isto é, *Narrativas Conversacionais*. É nosso objetivo procurar responder à pergunta formulada no título do presente artigo: *quando e porquê contamos uma história, no âmbito da interação oral?*

Com base na investigação desenvolvida, defendemos que as narrativas não surgem por acaso na interação oral nem desempenham nela um papel de mero entretenimento; pelo contrário, as histórias que contamos quando interagimos com os outros são sempre contextualmente determinadas, desempenhando na conversação uma função específica, quase sempre de caráter argumentativo.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: numa primeira parte, serão definidos os conceitos de *Argumentação* e *Narrativa Conversacional* utilizados. De seguida, passar-se-á à identificação e distribuição de possíveis funções da narrativa no quadro de uma interação oral, utilizando, para tal, os resultados da análise do *corpus* de *Enunciados Narrativos* trabalhado em Morais (2011). Numa terceira parte, e a partir de dois exemplos retirados do *corpus*, procurar-se-á demonstrar como as narrativas conversacionais podem servir uma função argumentativa no quadro interacional em que são introduzidas e em relação ao tópico conversacional. Por último, serão apresentadas as principais conclusões desta investigação.

1. Conceitos-chave: Argumentação e Narrativa Conversacional

1.1. Argumentação

Na senda de Perelman (1987), defendemos que *argumentar* significa fornecer argumentos a favor ou contra uma determinada tese, sendo o ato de argumentar sempre um ato pessoal e dirigido a um auditório específico. *A argumentação* é, por esse motivo, contextualmente situada, visando-se, através dela, obter a adesão dos interlocutores a uma tese previamente apresentada. Como o grau dessa adesão é de grandeza variável, isto é, pode ser estabelecido no âmbito de uma escala de aderência, é passível de ser manipulada discursivamente¹.

Segundo Renkma (2009: 212) podemos identificar *quatro técnicas de construção de argumentação*: (i) fornecer uma razão, causa ou explicação; (ii) comparar, criando uma analogia; (iii) apresentar um exemplo, fornecendo uma instanciação; (iv) apresentar uma fonte de autoridade. Destas quatro, para o presente trabalho, interessam-nos as duas últimas técnicas referidas. Como pretendemos demonstrar mais à frente, a *Narrativa Conversacional* é uma forma comum, na interação oral, de construir a argumentação a favor de uma tese ou opinião expressa anteriormente, quer pelo seu valor ilustrativo quer pela possibilidade que oferece ao locutor, enquanto personagem principal da história, de afirmar a sua autoridade para enunciar essa mesma tese ou opinião.

1.2. A Narrativa Conversacional

Narrativas Conversacionais [daqui para a frente referidas como *NCs*] são histórias que contamos no dia a dia e que correspondem a reconstituições de memórias sob uma perspetiva específica, adaptada ao contexto da sua produção e no qual adquirem uma função comunicativa própria.

Deste ponto de vista, a *NC* deve ser analisada enquanto Ato Comunicativo intencionalmente motivado, através do qual o locutor cria um espaço sociocognitivo

¹ Não se faz, aqui, nenhuma distinção entre um discurso que visa persuadir e um discurso que visa convencer, pois esta divisão não se afigura pertinente na medida em que parece remeter para uma separação entre uma contextualização racional e uma contextualização emocional, hoje em dia largamente contestada, na sequência dos estudos de António Damásio.

fundamental para o desenvolvimento de esquemas explicativos que lhe permitem dar um sentido a acontecimentos passados e, ao mesmo tempo, refletir colaborativamente sobre eventos específicos e sobre o papel deles na sua biografia pessoal.

O próprio processo de Narração, com a utilização intencional de um conjunto de estratégias avaliativas de focalização, modificação, encenação, etc., vai, não só permitir o estabelecimento de um conhecimento partilhado e o reforço do sentido de proximidade entre os indivíduos, como age, ativamente, sobre as opiniões e representações dos interlocutores, tentando promover a sua adesão às crenças e valores que subjazem à intencionalidade da narrativa introduzida na conversação.

2. Funções das Narrativas Conversacionais

A par de uma (Meta)função Fática (cf. Rath, 1981; Dell Hymes, 1996) de criação e manutenção de laços sociais de proximidade e pertença entre interlocutores, as NCs cumprem ainda funções específicas relacionadas com o contexto e cotexto de enunciação em que são introduzidas. A análise dos 122 *Enunciados Narrativos* [daqui para a frente referidos como *ENs*] que compõem o *Corpus* Morais (2011) permitiu estabelecer a seguinte grelha de funções, apresentadas sumariamente no Quadro 1:

<p>Funções das Narrativas Conversacionais são as seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Funções em primeira instância voltadas para o locutor Construir a sua Imagem Pessoal Catarse: Alívio de Pressão Psíquica2. Funções em primeira instância voltadas para o interlocutor Informar (resposta a um pedido para narrar) Divertir / Ironizar Emocionar3. Funções em primeira instância voltadas para o referente (Des)Construir a Imagem de Outrem4. Funções em primeira instância voltadas para o cotexto (especificamente argumentativas) Ilustrar / Exemplificar Tese Justificar Avaliação ou Atitude Comprovar Erro de Avaliação de Terceiros
--

Quadro 1: Funções das Narrativas Conversacionais

É importante sublinhar que a proposta apresentada no Quadro 1 deve ser considerada como meramente operatória, obedecendo a uma intenção descritiva. Na realidade, se aparentemente nos poderiam interessar, para o presente trabalho, apenas as funções em primeira instância voltadas para o contexto, há que ter presente que, na sua maioria, as

NCs acumulam várias das funções comunicativas discriminadas, sendo muitas vezes difícil estabelecer a prioridade de uma delas. Por esse motivo, criamos a seguinte escala de dominância para as funções identificadas em cada um dos ENs: A – Função principal; B – Função secundária 1; C – Função secundária 2.

A análise das funções dos ENs permitiu-nos verificar as seguintes regularidades: no total dos 122 ENs analisados, foi possível verificar que 54% têm uma Função Argumentativa em primeiro lugar [A] e 5% em segundo lugar [B]. Se somarmos ambos os valores, podemos concluir que 59% dos ENs produzidos em situação de interação oral analisados surgem como exemplo, ilustração, justificação ou contra-argumento de uma tese, opinião ou avaliação expressa anteriormente.

Há ainda que referir que, quando em primeira posição [A], a Função Argumentativa aparece associada à (Des)construção da Imagem Pessoal em 41% dos ENs ou à (Des)construção da Imagem Pessoal de Outrem em 34%. Se considerarmos o segundo grupo mais representativo, que corresponde ao dos ENs a que foi atribuída uma Função Informativa em primeira posição [A] e que constituem 22% do conjunto total, há também que salientar que 20% destes ENs apresentam em segunda posição [B] a Função Argumentativa.

Enquanto os dados estatísticos apresentados parecem tornar evidente o valor argumentativo das NCs, podemos colocar-nos uma questão mais específica: o que fazem exatamente os narradores ao utilizarem uma NC como forma de argumentação? Também neste caso é possível estabelecer um conjunto de subfunções para a sua introdução na conversação, conforme podemos observar, a seguir, no Quadro 2:

As subfunções argumentativas das NCs são as seguintes:

Justificar uma opinião expressa anteriormente;
Justificar uma atitude tomada ou a tomar;
Justificar uma avaliação de algo ou alguém, feita anteriormente;
Procurar provar o erro da avaliação de terceiros;
Reforçar a importância do ocorrido com novos exemplos;
Explicar uma tomada de uma decisão.

Quadro 2: Subfunções argumentativas das NCs

Nas alíneas seguintes debruçar-nos-emos sobre as estratégias discursivo-pragmáticas ativadas pelo locutor para argumentar narrativamente.

3. Técnicas de Argumentação e Narrativas Conversacionais

Retomando a teoria de Perelman (1987), que aqui se subscreve, argumentamos estabelecendo laços de solidariedade entre as teses que procuramos promover e as teses já admitidas pelo nosso auditório, construindo, assim, *Argumentos de Ligação* ou promovendo o rompimento com a solidariedade entre as mesmas, naquilo a que o autor chama *Argumentos de Dissociação*.

No âmbito dos Argumentos de Ligação, podemos estabelecer três tipos específicos: argumentos (quase) lógicos, realizados no âmbito de uma Demonstração;

argumentos fundados na estrutura do real (externos ao locutor) que têm um valor ilustrativo;

argumentos baseados no poder / na autoridade (e veemência) da crença do locutor sobre X.

Tendo em conta os tipos de argumentos atrás referidos e olhando para o *corpus* analisado, foi possível identificar dois tipos principais de NCs com função argumentativa: (i) aquelas cuja força argumentativa decorre do valor ilustrativo do episódio narrado e (ii) aquelas cuja força argumentativa decorre da veemência com que se narrativiza a adesão do locutor-personagem à crença ou opinião que as motivou.

Passamos, de seguida, a caracterizar cada um destes tipos, procedendo, ao mesmo tempo à exemplificação.

3.1. Narrativas Conversacionais Ilustrativas (exemplos)

No primeiro grupo de NCs estamos perante uma argumentação fundada na estrutura do próprio real, na medida em que o locutor vai narrar uma ou mais ocorrências que lhe servem para ilustrar uma opinião ou tese defendida antes.

Devido ao caráter fortemente avaliativo dessa tese ou opinião, que corresponde, normalmente, a uma ameaça à face do interlocutor, o locutor sente a necessidade de introduzir uma exemplificação justificativa:

Isto é assim, **porque** o(s) exemplo(s) X, (Y, Z) o demonstra(m).

Poder-se-ia falar, então, num processo de narrativização de uma tese ou de uma opinião sob a forma de exemplo(s) cuja força argumentativa decorre da qualidade (veracidade, pertinência, representatividade, ...) e/ou quantidade das instanciações narrativas usadas como ilustração. Os argumentos através do exemplo visam generalizar o que é aceite através de um caso particular. Dito de outra forma:

Eu narrativizo ocorrências que exemplificam a tese que defendi antes.

Observe-se, por conseguinte, o seguinte exemplo (Exemplo 1).

Exemplo 1

Tópico – relação do filho com as raparigas	(...) isto tinha ele treze anos / portanto / isso manifesta perfeitamente o interesse dele //
--	---

<i>Subtópico – o namoro</i>	agora em relação ao xxx // que eu estou convencida que é namoro / embora ele diga que não // nitidamente / anda interessadíssimo / com o namoro //
Tese:	é um: / um Otelô digamos assim // porque é: [/] &ah gosta imenso da rapariga // ele diz que não gosta / mas gosta / nitidamente dela // e é um ciumento de marca /
*Ataque Resumo	<i>porque inclusivamente / chorou / quando eu o proibi / a ir a uma festa // só porque tinha de ir //</i>
*Orientação de Background	<i>porque havia dois / que estavam interessados na mesma rapariga //</i>
*Ação	<i>e: eu lá lhe fiz ver / que não podia ser //</i>
*Orientação de Background	<i>compreendi a atitude dele / porque / é claro / aquela reação era própria da idade dele / que liga imenso interesse a esse problema //</i>
*Ação	<i>fiz-lhe ver // ele concordou que sim // que eu tinha razão //</i>
*Orientação de Background	<i>porque talvez fosse por ser da idade // que no fundo / não tinha assim um interesse &especi [/] um valor muito / muito importante // mas / ele tinha de defender aquela rapariga para ele // e então / ele queria forçosamente ir a esse / a essa festa //</i>
*Resultado	<i>mas [/] e foi // e acabou por ir mesmo à festa //</i>
*Coda / Avaliação Final	<i>mas: / &ah: / portanto / depreendo que ele é realmente um xxx // não há dúvida / que é um que é um super ciumento // defende com interesse / aquilo que lhe interessa / mesmo // e portanto na questão [/] nesta &cois [/] na questão de relação com a raparigas / é assim //</i>

No Exemplo 1, acima apresentado, a propósito do tópico introduzido pela interlocutora – a relação do filho com as raparigas –, a locutora defende uma tese fortemente avaliativa que constrói discursivamente através de estratégias de intensificação do que vai enunciando. Destacamos, neste segmento explicitamente argumentativo, o uso de uma expressão de atitude proposicional com valor modal epistémico asseverativo – *eu estou convencida que é namoro* / –, o recurso a uma adjetivação superlativa – *interessadíssimo* – e a adverbiais intensificadores – *gosta imenso da rapariga* / –, bem como a adverbiais modais epistémicos com valor asseverativo afirmativo, que têm por escopo a proposição – *nitidamente / anda interessadíssimo / com o namoro //*; *ele diz que não gosta / mas gosta / nitidamente dela //*. A argumentação culmina no recurso à metáfora – *é um / um Otelô digamos assim //* –, ainda que modalizada pela expressão atenuadora (*hedge*) – ... *digamos assim //* –. A mesma metáfora é parafraseada pela expressão fixa avaliativa com valor intensificador – *é um ciumento de marca* –.

Porque fazem a transição entre a sequência argumentativa e a sua ilustração narrativa, é importante destacar, ainda, as estratégias avaliativas utilizadas nas macroproposições de fronteira do EN, a saber o Ataque e a Coda. Estas macroproposições

que gerem a inserção de uma sequência narrativa na conversação, estão, também, eivadas de elementos discursivos que evidenciam e sustentam o cariz argumentativo do episódio narrado.

Assim, no Ataque, temos um Resumo do EN – *porque inclusivamente / chorou / quando eu o proibi / a ir a uma festa // só porque tinha de ir //* – onde se destaca o uso do articulador textual explicativo – *porque* – e o recurso a uma focalização semântica de partes do enunciado através dos adverbais – *inclusivamente* e *só* –.

Já na Coda do EN, que aqui surge imbricada na sua Avaliação Final, observe-se o recurso a um articulador textual de encerramento de tópico – *mas: / &ah: / portanto / depreendo que ...* –, associado a uma expressão de atitude proposicional com valor modal epistémico – *mas: / &ah: / portanto / depreendo que ele é realmente ...* –, que parece reintroduzir a tese defendida no início (esta parte do texto não é audível no material digitalizado). Uma aparente paráfrase do mesmo enunciado em – *não há dúvida / que é um que é um super ciumento* – revela uma idêntica utilização de uma expressão de atitude proposicional com valor modal epistémico, agora associada a uma adjetivação superlativa – *é um super ciumento* –. Observe-se, ainda, o recurso a adverbais modais epistémicos asseverativos em – *depreendo que ele é realmente um xxx / – e – defende com interesse / aquilo que lhe interessa / mesmo* –. Estas repetições e paráfrases de avaliações feitas no início e no final do EN funcionam como a moldura de um quadro tópico, delimitando a sua ocorrência no fluir conversacional, ao mesmo tempo que sublinham a oportunidade e relevância do EN no âmbito da sequência conversacional superior em que é introduzido. A evidente presença da fonte de enunciação responsável pela argumentação em todas as estratégias discursivas levantadas e o cariz fortemente avaliativo das mesmas vêm confirmar a função argumentativa do EN analisado.

3.2. Narrativas ‘Fundadoras’

No segundo grupo de NCs analisado, estamos perante uma argumentação fundada sobre o poder / a autoridade da crença do locutor/narrador sobre algo. Neste caso, o processo de narrativização da tese corresponde ao próprio processo de adesão à mesma, isto é, à narrativização do forte envolvimento do narrador com a tese que defende.

Assim, por oposição às narrativas conversacionais ilustrativas, aqui são os próprios argumentos que fundam a estrutura do real:

Isto é assim, porque eu **acredito** que a tese X é correta e estou disposto a pôr a minha face em jogo por ela.

A força argumentativa destas NCs decorre do envolvimento do narrador na sua defesa e apela, sobretudo, para uma adesão por empatia: o interlocutor é tentado a aceitar a tese defendida por vê-lo tão envolvido na sua defesa. Dito de outra forma:

Eu narrativizo o meu envolvimento com a tese que defendi.

Observe-se o seguinte exemplo (Exemplo 2):

Exemplo 2

Tópico – A coleção da Verbo Juvenil	*ANA: <i>hoje / felizmente / temos uma coleção / de livros em Portugal / dedicados à criança / que é o Verbo / Juvenil // que se todos os pais / souberem aproveitar aquela coleção // quer os escolares // quer depois da escola // a criança fica com um desenvolvimento intelectual / o que os nossos / anteriores não tinham // e porquê / porque estavam [/] eram atrofiados / com umas leituras / por vezes / sem interesse absolutamente nenhum // < nós temos > aquele livro da quarta classe / Janela Aberta //</i>
Subtópico: o livro ‘Janela Aberta’	*I09: [<i><</i>] <i>< xxx ></i>
Tese:	*ANA: / Janela Aberta // do Verbo Juvenil // é uma maravilha // dizem assim // mas que assuntos eles foram buscar //
*Ataque Resumo	<i>e eu impu-lo //</i>
*Orientação	<i>eu impu-lo na zona // em que trabalhei as minhas últimas duas quartas classes [/]</i>
*Ação	<i>eu disse // se não me dão este livro /</i>
*Orientação de Background	<i>porque o &senho / o / o [/] eu compro sempre os livros / e faço o estudo deles // e depois aproveito / ou não aproveitava //</i> *I09: <i>claro //</i> *ANA: / <i>era assim //</i>
*Ação	<i>e eu / estudei a Janela Aberta /</i>
*Orientação de Background	<i>senti-me tão aberta / para as minhas alunas // como elas amanhã seriam abertas para comigo //</i>
*Ação	<i>que é que eu fiz ? escolhi imediatamente // impus à escola // aqui não entra um livro / que não seja do Verbo Juvenil // e a diretora ficou muito admirada com a minha imposição // digo-lhe eu [/] disse-lhe imediatamente // minha senhora / isto é o meu pensar // as minhas alunas vão usar este // se a senhora os não quiser comprar // pela Caixa Escolar // eu chamo os pais // reúno os pais // e eu tenho a certeza / que eles fazem-me a vontade / e compram tudo / sem ser da caixa //</i>
*Resultado	<i>e ela / perante uma / &eh / enfim / uma atitude que eu tomei // cedeu imediatamente //</i>

No Exemplo 2, a locutora, após exprimir a sua opinião positiva sobre o subtópico conversacional que introduziu anteriormente – o manual escolar *Janela Aberta* –, vai narrar a forma veemente como o impôs na escola onde trabalhou. A par da encenação dramática do pretense conflito de posições face a essa imposição, destacamos aqui algumas das estratégias avaliativas utilizadas localmente para, ao longo da narração, sublinhar a sua total adesão ao manual em causa:

(i) **Recurso a expressões de atitude proposicional** com valor modal epistémico asseverativo, através das quais revela a sua crença – *eu chamo os pais // reúno os pais // e eu tenho a certeza / que eles fazem-me a vontade / e compram tudo /* –;

(ii) **Recurso a adjetivação expressiva** – senti-me **tão aberta** / para as minhas alunas // **como** elas amanhã seriam abertas para comigo / – ; – ficou **muito admirada** com a minha imposição // –;

(iii) **Recurso a estratégias de focalização de informação** sob a forma de expressões de modalização afetiva interpessoal, através das quais se interpela diretamente o alocutário com a intenção de obter a sua atenção e interesse para o conteúdo proposicional do enunciado adjacente. Vejam-se os exemplos: – *que é que eu fiz ?* – ; – *minha senhora / isto é o meu pensar // as minhas alunas vão usar este* // –;

(iv) **Recurso a expressões fixas** avaliativas com valor intensificador – **aqui não entra** um livro / que não seja do Verbo Juvenil // – ; – eu chamo os pais // reúno os pais // e eu tenho a certeza / que eles **fazem-me a vontade** / e compram tudo / –;

(v) **Recurso à repetição** de palavras-chave do EN como forma de intensificação. Repare-se como o verbo <impor> surge quer no Ataque, quer na Orientação, quer Ação, sempre na primeira pessoa e com o pronome sujeito explícito;

(vi) **Recurso a paráfrases** reformulativas e/ou de explicitação para sublinhar as ideias centrais do episódio – e se a senhora os não quiser comprar // pela Caixa Escolar // **eu chamo os pais // reúno os pais** // e eu tenho a certeza / que **eles fazem-me a vontade / e compram tudo** / sem ser da caixa //;

(vii) **Recurso ao uso explícito do pronome sujeito** através do qual o narrador se inscreve no próprio texto, estabelecendo-se como a fonte responsável pelos respetivos enunciados. Observem-se os enunciados – *eu impu-lo // eu impu-lo na zona* // ; – *eu disse // eu compro sempre os livros / e faço o estudo deles* // – ou – *e eu tenho a certeza / que eles fazem-me a vontade / e compram tudo / sem ser da caixa*. Noutras passagens, podemos ainda identificar o uso do pronome de heterorreferência, quando neles se contrapõem as duas forças do conflito. Também aqui coocorre o pronome de autorreferência, como em – *eu chamo os pais // reúno os pais // e eu tenho a certeza / que eles fazem-me a vontade / e compram tudo / sem ser da caixa* // – ou – *e ela / perante uma / &eh / enfim / uma atitude que eu tomei* // –²;

(viii) Por último, observe-se ainda a **contraposição** entre o valor semântico dos verbos e expressões predicativas que exprimem **coação** e aqueles que exprimem **obediência** como em – *eu impus – versus – eles fazem-me a vontade – e – eu tomei uma atitude – versus – ela cedeu imediatamente* –.

Através dos recursos exemplificados, bem como, ainda, de outras estratégias avaliativas não mencionadas, a narradora constrói um EN onde, enquanto personagem principal, se posiciona como uma defensora acérrima do manual *Janela Aberta*, ao mesmo tempo que expressa explicitamente o seu forte envolvimento com a imposição do mesmo na escola. Desta forma, pretende uma adesão, em primeira instância afetiva, do

² A questão da realização do pronome sujeito enquanto estratégia avaliativa de explicitação da fonte responsável do enunciado foi desenvolvida em Morais (2006).

interlocutor ao narrado, convidado a “presenciar”, a partir da sua perspectiva, o “conflito” encenado no EN. Sendo a NC uma forma altamente eficaz de envolver discursivamente o interlocutor na construção dos sentidos subjacentes ao ato comunicativo em que é introduzida, a narradora parece explorar, em primeiro lugar, uma argumentação de cariz afetivo, deixando para o ato conversacional seguinte uma argumentação de cariz lógico.³

4. Conclusões

Tendo por objetivo responder à pergunta inicialmente formulada – *quando é que contamos uma história no âmbito da interação oral?* –, que surgiu na senda dos trabalhos desenvolvidos anteriormente (cf. Batoréo 2005, Morais 2006, Morais 2011, Morais e Batoréo a publicar), a análise do *corpus* reunido em Morais (2011) permitiu-nos demonstrar, no presente artigo, os seguintes resultados:

(i) Quase 60 % das narrativas produzidas em situação de interação oral (NCs) surgem como exemplo, ilustração, justificação ou contra-argumento de uma tese, opinião ou avaliação expressa anteriormente, o que significa que constituem uma estratégia discursiva de caráter argumentativo;

(ii) As NCs desempenham, na oralidade, funções específicas, que podem ser analisadas e descritas do ponto de vista discursivo. No *corpus* foi possível identificar dois tipos principais com função argumentativa: as *ilustrativas*, isto é, aquelas cuja força argumentativa decorre do valor ilustrativo do episódio narrado e as denominadas *fundadoras*, isto é, aquelas cuja força argumentativa decorre da veemência com que se narrativiza a adesão do locutor-personagem à crença ou opinião que as motivou.

(iii) A partir da discussão de dois exemplos retirados do *Corpus* de Enunciados Narrativos de Morais (2011), procurámos demonstrar o funcionamento argumentativo das NCs no quadro dialógico superior em que surgem e identificar as estratégias discursivo-pragmáticas a que o narrador recorre para orientar o processo interpretativo do(s) interlocutor(es), condicionando a sua coconstrução de sentidos de forma a aproximá-la o mais possível da intencionalidade que subjaz à narração.

Ao utilizar argumentativamente uma narrativa, o locutor serve-se quer da sua força explanatória, quer da sua força afetiva para ganhar a adesão do(s) alocutário(s) para as posições que sustentou anteriormente e que são narrativizadas através de episódios exemplificativos ou de episódios que testemunham, de uma forma veemente, o seu comprometimento com a tese que se pretende defender. Desta forma, a narrativa revela-se um potente instrumento de envolvimento (cf. Tannen, 1982) do(s) interlocutor(es) nas crenças e convicções que lhe deram origem. Ao ser convidado a “presenciar” eventos que estão diretamente relacionados com a tese defendida, o alocutário torna-se “testemunha” de acontecimentos que são recriados para ele, envolvendo-o como se de uma experiência

³ A transcrição total da interação de onde foi retirado o exemplo 2 encontra-se nos anexos de Morais (2011).

pessoal se tratasse. Aumenta-se, assim, a possibilidade e a intensidade da sua adesão ao defendido sobre o tópico conversacional que suscitou o EN.

Retomando a pergunta inicialmente formulada – *quando é que contamos uma história no âmbito da interação oral?* –, defendemos, por conseguinte, que narrativa surge numa interação oral enquanto estratégia discursivo-pragmática argumentativa com o fim de condicionar o processo interpretativo do sentido da conversa, de acordo com a intencionalidade que subjaz à sua narração. Ao mesmo tempo as NCs são formas eficazes de envolvimento afetivo do(s) interveniente(s), comprometendo-o(s) com o ponto de vista do seu narrador.

Bibliografia

- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2005). Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms? In: Bokus, B. (ed.) *Studies in the Psychology of Child Language - Papers in Honour of G.W. Shugar*. Warszawa: Matrix, pp.329-346.
- Hymes, Dell (1996). *Ethnography, Linguistics, Narrative Inequality. Toward an Understanding of Voice*. London: Taylor & Francis.
- Morais, Armindo (2006). Então não é? – Aspetos avaliativos na produção de narrativas em situação de interação oral. In: Marques, M. A. et alii (org.), *Processos Discursivos de Modalização. Atas do III Encontro Internacional de Análise do Discurso*. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, pp. 173-192.
- Morais, Armindo (2011). *Narrativas Conversacionais: a Introdução de Enunciados Narrativos em Situação de Interação Oral*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Aberta.
- Morais, Armindo e Hanna Jakubowicz Batoréo (a publicar). Enunciados Narrativos e Argumentação: o caso do Relato de Acontecimentos. Comunicação apresentada no 27.º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, FCSH – UNL, Lisboa, 26-28 de outubro 2011.
- Perelman, Chaïm (1987). Argumentação. In: *Enciclopédia Einaudi*, pp. 234-265.
- Rath, Roland (1981). Zur Legitimation und Einbettung von Erzählungen in Alltagsdialogen. In P. Schröder & H. Steger (ed.) *Dialogforschung*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, pp. 265-286.
- Renkema, Jan (2009). *Introduction to Discourse Studies*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Tannen, Deborah (1982). *Spoken and Written Language. Exploring Orality and Literacy*. Norwood: Ablex.